O SENADOR POMPEU – UM CABEÇA-CHATA AUTÊNTICO, POLÍTICO REALISTA E ANTI-IMPOSTOR

José Parsifal Barroso

Em terras cearenses, uma Família consolidou seu nome ilustre através da continuidade de três de seus membros que voltaram seus pendores de inteligência, sua acuidade de observação e espírito de pesquisa ao trabalho exaustivo do inventário desta região.

De tal modo se houveram nesse mister que hoje não se pode intentar o perfil geográfico, estatístico e ecológico desta província sem que não tenhamos pela frente, quase importunamente, as figuras destes gigantes que foram o Senador Pompeu, seu filho Thomaz Pompeu e seu neto Thomaz Pompeu Sobrinho.

Dificilmente encontramos exemplo igual na história literária do Brasil, onde as dinastias do talento não vão além de duas gerações.

No caso dos Pompeus, não. É bem marcada a linha de continuidade dos estudos especializados iniciados pelo Senador Pompeu, prosseguida e atualizada por Thomaz Pompeu e Thomaz Pompeu Sobrinho.

Tão curiosa era a formação mental desses homens representativos do espírito do seu século, que lograram aliar às puras especulações do pensamento o labor prático próprio de homens afeitos ao trato mercantil ou a obras de largo alcance social.

Assim é que não somente às lides intelectuais se votaram aqueles varões esclarecidos, senão também às atividades puramente práticas no sentido de melhoramentos e progresso de nossa terra, como a fundação da primeira ferrovia – Cia Cearense Via Férrea de Baturité, que veio a ser, por sucessivas transformações a Rede Viação Cearense; a criação do primeiro corpo regular de aulas secundárias, o glorioso Liceu do Ceará, de

que nos orgulhamos ter sido aluno; da primeira fábrica de tecidos e fios a usar, no nordeste, maquinismo inglês; bem como da saudosa companhia de bonde de burros, sem mencionar a implantação de modelares fazendas de criação, nos sertões desta Província.

O Instituto do Ceará — como é de ver-se — não poderia ficar indiferente à passagem do primeiro centenário da morte do Senador Pompeu, tamanho é o débito em que se encontram os pesquisadores e estudiosos deste Silogeu para com aquele que, sopitando qualquer impulso de beletrismo a que tendiam os chamados homens de espírito de seu tempo, como única forma de expressão literária, dedicou-se à estatística de sua Pronvíncia, fazendo uso do instrumental adotado nos centros mais civilizados de sua época; empenhou-se no levantamento fisiográfico de sua terra, dando um novo conceito à geografia e lançou os fundamentos da climatologia cearense, criando uma teoria própria para explicação das secas.

No seu programa de comemoração, o Instituto deu destaque à sessão magna de hoje, em que o orador escolhido foi este vosso Consócio tão sem disposição de espírito para a tarefa que lhe pusestes aos ombros, tão falto de tempo e gosto para as pesquisas biográficas, mas tão cheio de amor pelas cousas do Ceará, que não se sentiu encorajado a recusar o convite honroso.

Ademais, descontada a desproporção do confronto, o Orador, sob alguns aspectos, sente-se em afinidade de espírito e atividades com o homenageado de hoje.

Como ele, foi professor; como ele, bacharel em direito e advogado; como ele, político militante, deputado e senador; como ele, jornalista e dedicado a estudos especializados sobre o Ceará e o cearense; como ele, física e mentalmente, um autêntico e irremediável cabeça-chata.

A esta altura, a ilustre e paciente assembléia já percebeu a falta de método, o jeito pouco francês de seu intérprete. Permita-se-lhe, ainda, uma digressão que importa sobremodo ao patrimônio intelectual e ao prestígio deste sodalício.

Para elaboração de seu trabalho, tratou, como providência preliminar, de ter acesso a um documento que, desde que se enfronhou em cousas do Ceará, sabe ser inédito e conservado ciosamente, em mãos de um descendente do Senador Pompeu. Tal documento, conhecido como "Me-

mórias" seria revelador de particularidades da vida íntima do Senador, além de boa parte da história parlamentar do segundo império e da vida política da Província.

Infortunadamente, ao que se diz, um sentimento instintivo de recato obstaria às tentativas de se transferir a custódia do precioso escólio para o tesouro de documentos do Instituto do Ceará, o qual viria fazer companhia à estimável correspondência política do Senador, que esta casa publicou sob a orientação e com comentários do saudoso pesquisador José Aurélio Saraiva Câmara.

Ora, corre em tradição que o Senador Pompeu, como tantos estadistas do império, levava vida austera, de grande recolhimento e intenso labor intelectual. Sua reputação, estruturada ao molde vitoriano, inspirada nos exemplos austeros do ilustre Reinante, resistiu a todos os vendavais da política e ásperas polêmicas de imprensa que o Senador sustentou, sem que sua vida particular sofresse o menor arranhão.

Onde, pois, o que ocultar? que intimismos seriam esses que seus implacáveis adversários nunca souberam invocar?

É sabido e ressabido, Senhores e Senhoras, que os dois maiores representantes de nossa Província, no Senado do Império — Alencar e Pompeu — foram presbíteros da Igreja Católica Romana que impunha como ainda impõe, aos seus sacerdotes o celibato clerical.

Longe de nós, por inútil e de mau gosto, reavivar o secular debate em que se empenharam escritores, jornalistas, parlamentares no sentido de revogação dessa regra canônica, debate em que se distinguiu, no Brasil, o inolvidável padre Diogo Antônio Feijó, com todo o fogo de suas convicções.

O que se deseja pôr em evidência é que, por todos esses extensos brasis, padres de reconhecida austeridade constituíram — ao arrepio da norma canônica — famílias regulares, bem orientadas e das quais surgiria uma descendência de excelente e comprovada eugenia, de que são arquétipos o romancista José de Alencar e o escritor e professor de Direito Thomaz Pompeu.

A união do primeiro Thomaz Pompeu, futuro Senador do Império, com a Sra. Felismina Carolina Filgueiras — ligada por parentesco ao admi-

rado e notório José Pereira Filgueiras, que bem poderia ser um dos "bons, burros e bravos" da feliz evocação de João Brígido — é pitorescamente relatada no livro "Francisco Sá — Reminiscências Biográficas", inspirado pela piedade filial, que recolheu as memórias daquele que viria a casar com uma neta do Senador Pompeu.

Tendo perdido muito cedo os pais, D. Felismina (Mãe Mina) fora criada pela avó, chamada pelos netos "Minha Mãe Velha" que longos anos viveu na velha casa da rua Senador Pompeu esquina da rua Municipal (Guilherme Rocha). "De Minha Mãe Velha", narra o biógrafo de Francisco Sá, "se contavam duas cousas que lhe definiriam o caráter. Quando os filhos já homens, cometiam ação de seu desagrado ela os chamava, fazia que se lhe ajoelhassem aos pés e castigava-os a pau. Outro caso foi quando Thomaz Pompeu se apaixonou por sua neta Felismina. Reconhecendo pecaminoso esse amor, Pompeu tratou de afastar-se; mas Minha Mãe Velha, vindo morar na sua vizinhança, deu-lhe um tal cerco, amável assédio, que a praça se rendeu sem condições".

Se tais são as particularidades íntimas de família que se entende não podem vir à tona, é tempo de o atual depositário das "Memórias", cujos escrúpulos respeitamos, desembaraçar-se desse segredo de Polichinelo e entregar à guarda do Instituto a valiosa autobiografia — em toda a sua inteireza — para estudo e publicação.

A vida de homens com a estatura de um Senador Pompeu não pertence mais aos estreitos limites de um grupo familiar, mas é patrimônio de sua Província e de seu País.

A publicação das "Memórias", insistimos, viria conferir à família Pompeu um lustre renovado e acréscimo de sua reputação gloriosa.

Um outro documento existe da própria mão do Senador — este parcialmente publicado — o seu testamento e última vontade, meio de que se valeu para falar à posteridade, e que vale como um "curriculum vitae" de suas múltiplas atividades, ao completar meio século de existência.

Relíquia preciosa, emergiu, no panorama melancólico da Província, onde predominavam as estéreis lutas partidárias, retaliações pessoais e egoísticos interesses, como a confissão ampla de um grande homem que franqueou os recônditos de sua vida ao exame impiedoso do futuro.

Confissão que atinge às raias da humildade e auto-despojamento e onde um biógrafo encontraria muito que respigar, pelo que ali se contém de informativo e proveitoso.

Em suas disposições testamentárias, deixa bem claro que foi sacerdote, professor de Teologia no Seminário de Olinda, vigário geral forâneo e manifesta seu desejo de ser sepultado em sua batina de padre, ao mesmo tempo que não mostra constrangimento de dirigir-se aos filhos para recomendações sobre seus despojos.

Encerrada essa longa deambulação, voltemos ao início do século XIX, quando Thomaz de Aquino de Souza, natural do Rio Grande do Norte, trocou seu rincão natal pelas ricas terras de pastoreio das ribeiras do Jacurutu, — onde tanto boi berra e onde medram viçosas as pastagens de panasco e mimoso. Fixou-se na freguesia de Santa Quitéria, ali se relacionando com o clã dos Pintos de Mesquita, vindo a matrimoniar-se com Jeracina Isabel, filha da abastada senhora Isabel Pinto de Mesquita, viúva do capitão de ordenanças José Luís Pestana.

Esse o tronco fecundo e abençoado, de onde bracejaram as famílias Pompeu, Magalhães e Catunda, que tanto lustre trouxeram a esta Província.

O filho Thomaz acrecentaria mais tarde ao seu lusitano nome de Souza, os nomes de Pompeu e Brasil, e o outro, Antônio, o nome famoso de Catunda.

Refere Gilberto Freyre que, logo depois da Independência, correu por todo o Brasil grande furor nativista, fazendo que muitos senhores mudassem os nomes de família portugueses para nomes indígenas.

Em nossa Província, surgiriam os Mororó, Anta, Araripe, Ibiapina agregados aos velhos nomes portugueses que tanto deram que falar na época da Confederação do Equador, quando os heróis daquela revolução adotaram nomes de plantas e animais da flora e fauna brasileira.

Alguns, para deixar marcada as suas origens, intercalariam um Pernambucano, Cearense, Maranhão, Holanda ou mesmo Brasil. Brasil foi o toponímico com que Thomaz encerraria o seu nome. Levado, ainda, de suas tendências e leituras clássicas, recolheria da história romana — "magni nominis umbra" — o nome glorioso de Pompeu.

Nascido a 6 de junho de 1818, sua família, anos depois, passaria por enormes privações, decorrentes de secas e implacável perseguição política.

É que seu pai, Thomaz de Aquino de Souza assinara, em 26 de agosto de 1824 a célebre ata do chamado Grande Conselho que marcaria o início da Confederação do Equador.

Desencadeara-se em toda a Província violenta reação imperialista, pelo que não valeu a Thomaz de Aquino, ser homem pacífico e haver desconfessado sua adesão ao movimento subversivo, alegando, juntamente com outros, que adotara o sistema contrário à Monarquia "com o poder da força e violência involuntariamente de suas livres e espontâneas vontades".

Ficou mal visto e tido como "patriota" palavra que então tomara conotação pejorativa, para significar os partidários do bravo caudilho Tristão Gonçalves, que chefiaria na Província, o motim para deposição da dinastia bragantina e implantação da república.

Depois de acometidos por uma escolta de assassinos, de que se livraram, Thomaz de Aquino e sua família tiveram por prudente abandonar Santa Quitéria, retornando, no ano seguinte, àquela freguesia, quando encontraram seus haveres, que consistiam em gados, quase dizimados pela peste, seca e ação punitiva de seus adversários.

Era de penúria a situação da família de Thomaz de Aquino e, nesse ambiente de escassez e privações, é que decorreria a infância de Thomaz e seus irmãos.

Aos 15 anos, entrou no estudo de gramática latina, em Sobral e tal precocidade revelou e tão acentuado gosto pelas letras que a família de sua mãe animou-a a mandar Thomaz a estudos superiores, subscrevendo-se em seu favor uma pequena quota, que o ajudou nas primeiras despesas.

A cidade de Olinda — foco egional do saber contemporâneo — contava então com um seminário, que passara por uma reforma liberal e de cnde sairiam para a vida pública as figuras irrequietas dos padres Miguelinho e Mororó, ambos primos-irmãos de Thomaz de Aquino, e com uma Academia Jurídica — foi o destino seguido pelo moço Thomaz, então com 18 anos.

Diz-nos o Barão de Studart — um dos barões assinalados da historiografia nacional da referência capistraneana — que não foi sem incidentes esta jornada, iniciada em 10 de agosto de 1836, quando Thomaz embarca no navio "Eliza" com destino a Pernambuco.

"Depois de 8 dias de viagem, conta o benemérito Barão, o patacho entrou desarvorado no porto de Mocoripe. Dois dias depois seguiu viagem na qual se consumiram 50 dias e, como havia mantimentos apenas para 20 dias, a fome sobreveio, mantendo-se a tripulação quase que à custa de pescaria".

Cedo Pompeu dispensaria o generoso contributo familiar, passando a ser sustentado em Olinda, por uma loteria — que liberalizava uma espécie de bolsa de estudos — de que se beneficiaria por um ano, ao fim do qual se mudou para a casa do Sr. Gonçalo Batista Vieira, matriculando-se no primeiro ano do curso jurídico, em 1839. Este foi um ano que lhe reservaria dolorosa provação com a morte de seu pai Thomaz de Aquino de Souza, aos 61 anos, em Vila Nova, distante dos seus e privado do conforto de sua família.

Ainda seminarista, em 1840, fez oposição à cadeira de substituto das aulas teológicas do Seminário de Olinda, sendo plenamente aprovado e empossado na forma do costume — "servatis servandis".

Ordenado presbítero, em 18 de setembro de 1841, no palácio da Soledade, cantou Missa Nova, na 3a. Dominga do Advento, na festa da Conceição, em 12 de dezembro, no convento das freiras, na cidade de Olinda.

Somente em 1843 é que fez ato e tomou grau de bacharel formado em Ciências Jurídicas e Sociais.

Retornando à Província em dezembro do mesmo ano, demonstrou logo sua disposição de ingressar na vida pública, filiando-se no partido que atendia às suas tendências e formação intelectuais — o Partido Liberal.

Não demorou em afirmar-se o jovem advogado e político, como não tardou a sua convocação para cargos administrativos, como o de diretor do Liceu do Ceará, que instalou e dotou de estatutos provisórios e o de redator do regulamento da Instrução Pública.

Firmada, de logo, a sua reputação, abrem-se-lhe as portas do êxito e a vida lhe sorri para o amor e para as felizes e duradouras alegrias de família.

Sem embargo de sua natureza altiva e do ostracismo em que vivia o seu partido, Pompeu soube impor-se aos sucessivos governos provinciais. Pelos presidentes — nomeados pelo governo central — era freqüentemente solicitada a sua colaboração, em funções técnicas ora como diretor da Instrução Pública, ora como contratado para a elaboração de trabalhos sobre o Ceará, observando-se as alternativas de altos e baixos na aceitação de sua pessoa pelos dirigentes da Província.

Essa existência cheia de trabalho útil, de propósitos bem definidos, animados de uma vontade férrea, é que nos propomos aqui esboçar.

O que estamos pretendendo não é tanto uma biografia, como uma bússola, para servir ao futuro biógrafo, que indicará os pontos cardeais da vida do grande Senador.

Porque, na verdade a biografia do Senador Pompeu está por fazer-se. Os escritores do Ceará devem-na a um dos maiores de seus filhos.

O saudoso ministro Hildebrando Pompeu Accioly, neto do Senador Pompeu, intentou a tarefa que não passou de um esforço inicial. Infelizmente, alquebrado de forças, o trabalho lhe foi desproporcionado ao estado de saúde.

De um ilustre membro da família Catunda, ainda parente do Senador, sabemos que teria publicado, em revista local, os primeiros capítulos de uma quase concluída biografia, que infortunadamente não conseguimos localizar.

Como quer que seja, a história literária do Ceará ressente-se da falta de um livro sobre a vida do Senador.

Melhor diríamos sobre suas vidas tais os aspectos contrastantes de sua personalidade: sacerdote, preso a voto de castidade, constitue abertamente uma família; homem de gabinete, votado a estudos sérios, lança-se à política partidária que costuma expor suas vítimas no pelourinho da difamação e do sarcasmo.

Assim é que, procurando colocar alguma ordem neste estudo, de cujo desalinho o vosso Orador já vos havia prevenido, tivemos por certo abordar separadamente, as diversas vidas de Pompeu.

O SACERDOTE

Sacerdote da Igreja Romana, aos 23 anos, Pompeu recebeu de seus superiores hierárquicos as provas mais visíveis de acatamento, particularmente do bispo de Pernambuco, D. João da Purificação que não somente o animou a pleitear o cargo de substituto da cadeira de Teologia, no Seminário de Olinda, senão também o nomeou vigário geral forâneo do Ceará, cargo que ocupou por oito anos e de que foi exonerado, a pedido.

Manteve-se sempre fiel ao pensamento e interesses da Igreja, como o comprovam seus discursos na Câmara Geral e no Senado do Império; nunca se valeu do jornalismo ou da tribuna parlamentar para pleitear a alteração na regra canônica que obstava à legalização de sua família, como o fizeram o padre Diogo Antônio Feijó e tantos outros sacerdotes propugnadores da ab-rogação do celibato clerical.

Seu discurso de estréia na Câmara versou sobre a criação de bispados e prelazias. Na tribuna do Senado, marca pela primeira vez sua presença com um discurso que ocupa mais de 18 colunas, nos "Anais" daquela casa. Também aqui os assuntos da Igreja ocupam o maior espaço da sua oração. Pediu revisão da circunscrição eclesiástica, suscitou a criação das paróquias que o Ato Adicional indevidamente cometera às Assembléias Provinciais, combateu o decreto do Governo Imperial que reformava os Seminários, considerado por todos os bispos como invasor de suas atribuições. Voltaria, depois, para pronunciar discurso, em que defende a doutrina da igreja contra a proposição da Câmara dos Deputados que restabelece o recurso à Coroa de qualquer procedimento dos prelados regulares — origem da Questão Religiosa que a miopia dos estadistas de então não lhes deixou contornar e que viria a ser uma das causas da queda do Império e decadência da dinastia reinante.

Pompeu sempre prezou o seu estado clerical e isso deixou bem evidente, em seu testamento, quando recomendou a seus filhos o sepultassem em seus hábitos talares.

O ADVOGADO

Formado em leis, na Academia Jurídica de Olinda, em 1843, defendeu sua primeira causa cível, no Ipu, mas somente em 1849 é que veio a abrir banca de advogado em Fortaleza, já de família montada, em plena atividade jornalística, como redator do "Cearense" e parlamentar como deputado geral.

Essa é uma atividade de Pompeu que não mereceu ainda maior estudo, mas a que Oliveira Paiva daria guarida, em seu romance "Dona Guidinha do Poço", onde, na magnífica análise de Ismael Pordeus, o Padre Brasil — chefe do partido liberal, advogado, e amigo do infeliz Major Quim — fora constituído em símile do Padre Pompeu.

Com o padre-advogado o Major Quim foi aconselhar-se a respeito do desquite que lhe parecia inevitável com a irrequieta Guidinha. Eis o que nos conta o romancista:

> "O amigo respondeu-lhe às diversas impertinências: que só aprovava o divórcio não sendo possível a conciliação, que neste caso seria mais conveniente para a tranqüilidade do seu espírito, que antes de sentença do juiz eclesiástico a mulher não podia dispor livremente dos bens, mas ele sim; que ela tinha direito de pedir em juízo que ele lhe desse alimentos, e o juiz poderia marcar-lhe uma diária razoável".

Os conselhos que Oliveira Paiva põe na boca do Padre Brasil ("que só aprovava o divórcio não sendo possível nenhuma conciliação") não destoam dos princípios éticos que inspiram Pompeu, na sua vida de advogado, e que se acham sumarizados na verdadeira profissão-de-fé que fez incluir, em seu testamento, e que, respeitosamente, lemos a seguir:

> ". . . exerço a advogacia por 20 anos. . . Na minha profissão de advogado, limitada ao foro civil, pois por conveniência de meu estado, abstive-me do foro criminal, salvo raríssimo caso, tenho consciência de que nunca enganei a ninguém, nunca aconselhei para o mal, nem seduzi partes para demandar, ou fiz contratos proibidos ou lesivos. Se nessa profissão causei prejuízos a alguém, confesso que só o fiz por erro".

O JORNALISTA

Na história da Província, a atividade jornalística esteve sempre estreitamente ligada à política. À política, diga-se em abono da verdade, em seus aspectos menos recomendáveis, como o apresentavam os agrupamentos heterogêneos que se enquadravam na bitola estreita do bipartidarismo: liberais e conservadores; chimangos e caranguejos.

O "Cearense" não podia fugir à regra. Fundado em 1846, como órgão do partido liberal, tinha como diretor Frederico Pamplona e como redatores o padre Carlos Alencar, Miguel Aires, Tristão Araripe e o nosso Pompeu.

O "Cearense", salvas raras oportunidades, esteve sempre na oposição e, de acordo com os costumes políticos da época, contava com a animadversão dos presidentes de províncias, nomeados pelos governos conservadores.

Em 1852, Pompeu se achava isolado dentro do "Cearense", já que deixara de contar com a colaboração dos companheiros de 1846, passando a dirigir, no Ceará, o partido e a imprensa liberal. Foi quando o Presidente da Província tentou fazer cessar o "Cearense", através do recurso reprovável de obter do dono da tipografia a recusa de continuar a publicação do periódico. Nestes apuros, Pompeu recorreu a uma imprensa emprestada, enquanto mandava vir um prelo completo do Recife, com que continuar o "Cearense".

Nessa época é que surge, financiado por adversários, uma folha, em formato pequeno chamada "Furão", cujo principal objetivo era combater Pompeu, o chefe chimango, devotado e leal. Dessa vez, porém, o "Furão" era dose cavalar, pois seu redator era nada mais, nada menos que Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa, o "Canoa Doida", o excêntrico Padre Verdeixa, cujas aventuras de louco varrido foram objeto de artigos de João Brígido, na "República". Sicário da imprensa, sua pena ele a colocava em leilão para a destruição de reputações. Os adversários de Pompeu e seus amigos de véspera não lhe poderiam preparar pior provação.

Sua oposição ao governo do Presidente Silveira de Souza, nas páginas do "Cearense" custaria a Pompeu a demissão do cargo de diretor da instrução pública.

Nas páginas do "Cearense", dispersas e anônimas, legaria, em artigos doutrinários, em sueltos ferinos e até em notas de viagem, suas melhores criações literárias.

Em suas disposições testamentárias, procedendo à avaliação de sua passagem pelo Jornalismo, assim se pronunciaria Pompeu:

> "Há uns 20 anos, que não por especulação como dizem meus inimigos, a quem perdôo, mas por política ou espírito de partido, tomei a redação de um jornal em que infelizmente, por vezes, entraram as paixões da época e ofendi em represália, do que peço perdão e me arrependo. Tendo entrado na política em 1845 com o chamado partido liberal, ou chimango, até hoje o tenho acompanhado, em todas as fases da minha existência, quase sempre na adversidade, mas sempre com a mesma lealdade e constância que na prosperidade. Nesta qualidade de partidário político, como jornalista, centro e órgão do partido, muitas vezes ofendi a meus adversários; porque nesse jogo de doestos, a que as paixões políticas infelizmente arrastam os homens que em nosso País se colocam em minha posição, levei-me a excesso de linguagem; mas, à excepção dessa guerra de palavras, nunca fiz, nem mandei fazer ou aconselhei a alguém para fazer mal a meu adversário. Peço perdão a Deus e a meus inimigos o mal que porventura lhes fiz na imprensa; de minha parte perdôo-lhes de todo o meu coração".

Das múltiplas atividades de Pompeu é a de partidário político aquela mais distanciada de seus hábitos intelectuais, de sua formação moral, mas que paradoxalmente lhe ocuparia não pequena parcela de sua vida, roubando-lhe tempo que melhor seria dedicado às tarefas ingentes a que intimamente se propusera, em benefício da terra cearense.

Para servir a essa senhora exigente chamada política, Pompeu — um eremita do saber — separa-se de seus livros abandona o silêncio do gabinete de estudos e sai à praça, envolve-se na multidão de interesses de toda a ordem, contrafazendo hábitos e inclinações.

Recém-formado em direito, filia-se ao Partido Liberal e, por sua austeridade, competência e capacidade de trabalho, logo se impôs no meio

político, pelo que em pouco tempo se viu com assento na assembléia provincial.

O jornal seria a alavanca de sua carreira, e no "Cearense", de que foi um dos fundadores e depois principal responsável com a deserção dos companheiros de 1846, desenvolveu um trabalho exaustivo, agravado com a hostilidade dos conservadores e da ala progressista de seu próprio partido.

Não foi das mais fáceis a carreira política de Pompeu, combatido pelos adversários conservadores e pelos correligionários de ontem que aderiram à política de conciliação preconizada pelo marquês de Olinda e outros conservadores com tendências liberais.

É que nem todas as correntes da opinião nacional encontravam no bipartidarismo o leito natural de suas aspirações, que viriam a desaguar num terceiro partido, se porventura criado.

Pompeu, porém, não acompanhou os "progressistas", preferindo ficar no ostracismo ao lado de Teófilo Otoni, Otaviano e outros. O cisma dividiria os liberais da Província em liberais puros, com Pompeu à frente, e liberais progressistas, sob o comando do Barão do Crato.

A Pompeu e seus liberais históricos negar-se-ia pão e água.

Restava a estes ficarem de olho nas nomeações dos presidentes da Província (nesses recuados e ominosos tempos do sistema unitário, os chefes de executivos provinciais eram nomeados pelo Governo Central), sempre na esperança de sobrevir um administrador bem intencionado, capaz de superintender com imparcialidade as eleições que periodicamente ocorriam — orgias cívicas sincronizadas a faca e cacete, sem embargo da santidade dos locais onde se exercia o direito de voto.

Era em vão que os liberais históricos, os chimangos duros de roer, colocavam suas esperanças nos moços bacharéis, que o Governo Central nos mandava. A presidência que aceitavam era, as mais das vezes, uma ponte na sua carreira, e o seu destino como políticos dependeria da maneira como servissem aos interesses da situação.

E nesta armadilha, vemos metido o nosso Pompeu, o eremita do saber, um dos cérebros mais privilegiado do País.

Não vai nessa expansão nenhuma condenação à atividade política que consideramos digna e nobre daqueles que a ela se entregam por vocação, com as energias de seu temperamento.

No caso particular de Pompeu, organização mental privilegiada, é de considerar-se um desperdício o tempo precioso dissipado nas confabulações; nos enredos; na diuturna correspondência epistolar, do próprio punho, com correligionários, muitos deles semi-analfabetos; em viagens desconfortáveis às bases sertanejas; em tentativas de conciliação de camaradas desavindos e em todo esse mundo de inanidade que era a vida política na Província.

Homem de sentimentos nobres e elevados, não querendo levar para a Eternidade os senões de sua vida política, Pompeu viria mais tarde — em seu testamento nunca suficientemente louvado — penitenciar-se dos excessos de liguagem, a que se deixara arrastar contra os seus adversários.

O SENADOR

Depois de sua produção literária — realmente estarrecedora pela excelente qualidade, tendo-se em conta a pobreza de elementos de consulta com que se defrontava o Autor naqueles recuados tempos provinciais — foi, realmente, o trabalho desenvolvido por Pompeu, no Senado, quer na tribuna, quer nas comissões, que o credenciaram definitivamente à nossa admiração e reconhecimento.

Os "Anais do Senado" estão aí para atestar suas freqüentes e oportunas intervenções em defesa de sua martirizada Província, dos interesses do partido liberal histórico, a que sempre foi intransigentemente fiel, e da doutrina de sua Igreja, em contraposição aos avanços regalistas nas atribuições eclesiásticas, que já prenunciavam a eclosão da Questão Religiosa, que abalaria os fundamentos do trono.

Foi Aurélio Câmara, em seus abalizados "Fatos e Documentos do Ceará Provincial", quem melhor definiria a atuação parlamentar de Pompeu, quando o considerou a maior figura que o Ceará mandou ao Senado do Império.

Tão leal, dedicado e prestimoso companheiro é difícil encontrar-se nas lides partidárias, lamentaria Cansansão de Sinimbu. "Ele só valia para o nosso partido um exército inteiro".

O PATER FAMILIAS

O ano de 1845 marca a data provável da ligação de Pompeu com D. Felismina Carolina Filgueiras (Mãe Mina), que contava a essa época 18 anos de idade.

Dessa união de que brotou uma progênie ilustre e honra do Ceará, abençoada que foi por Minha Mãe Velha, o nume tutelar da família, nasceram seis filhos: o primogênito, em 1846, que pouco sobreviveu; Maria Teresa e um gêmeo que não vingou, em 1849; Antônio, em 1851; Thomaz, em 1852 e Hildebrando, em 1853.

No curto espaço desta súmula, não cabe a biografia desses príncipes da inteligência e da atividade bem orientada, que foram os filhos de Pompeu, frutos de um bem sucedido enlace.

Maria Teresa (Marocas), casando com Antônio Pinto Nogueira Accioly, que durante décadas marcou os destinos políticos do Ceará, foi a matrona austera que gerou uma descendência ilustre, nas letras, na política e na administração pública. Seu rebento de maior projeção foi Hildebrando Pompeu Accioly, autoridade universalmente reconhecida em Direito Internacional.

A esse clã de prestígio incontestado viria se juntar, pelo casamento, o Senador Francisco Sá, Ronald de Carvalho, Peregrino Júnior e tantos outros.

De Antônio Pompeu, competente clínico desviado para a indústria têxtil, viria um dos maiores luminares da estirpe do Senador Pompeu que foi o cientista Thomaz Pompeu Sobrinho, durante anos presidente deste Instituto. Antropólogo e geólogo, voltou sua inteligência para o estudo dos problemas objetivos do Ceará. Com o Senador, seu avô, e Thomaz Pompeu, seu tio, forma a trindade de eruditos, a que nenhum estudioso desta região pode deixar de recorrer e consultar.

Em abono da erudição científica de Pompeu Sobrinho, seja dito, de passagem que, há mais de meio século, em monografia preparada para a exposição do Centenário da Independência, já fazia uso da expressão "tipos ecológicos" indicando assim estar em hora, naquela recuada época, com a terminologia das mais modernas correntes do pensamento sociológico.

O filho Thomaz, por sua vez, foi o vulto mais significativo da intelectualidade cearense, caso sem paralelo, na história de nossa cultura. Um enciclopédico que possuía cultura vastíssima sobre todos os departamentos do saber. Nada era estranho a esse polígrafo.

Mas o **facies** mais simpático da personalidade de Thomaz Pompeu — como salientaria um contemporâneo nas páginas de "O Ceará", o jornal de Matos Ibiapina — é que essa eterna preocupação de estudar, o desejo incontido de estar sempre a par do movimento intelectual do mundo, não lhe retirou o **cachet**, profundamente cearense, que imprimiu a todos as manifestações da sua inteligência. Não há problema nosso que não tenha sido estudado com carinho pelo benemérito conterrâneo. Desde as questões econômicas às de ensino, tudo mereceu de sua parte estudo acurado. A leitura de sua obra dá a impressão que todo o seu esforço em acumular conhecimentos visava unicamente aproveitá-lo em benefício de sua terra.

É outro a quem se pode atribuir, sem receio de errar, o título de "cabeça-chata" intelectual, continuador e ampliador dos estudos da realidade cearense, iniciados por seu pai, o Senador Pompeu, este genearca dos "cabeças-chatas".

Hildebrando, o caçula dessa família equilibrada e feliz, não destoaria dos irmãos.

Engenheiro de reconhecida competência, prestou serviços a ferrovias, portos, açúdes e outras obras públicas, sobrando-lhe ainda tempo para a elaboração de eruditos trabalhos sobre astronomia e geologia, publicados na imprensa local.

Essa floração de jovens estudiosos e práticos que nos traz à lembrança o clã insuperável dos Kennedy, da Nova Inglaterra, por saber aliar o estudo à ação, não foi geração espontânea. Foi antes fruto de um lar, onde a disciplina rígida era regra de ação e onde os moços eram, desde cedo, condicionados aos seus elevados destinos na vida pública.

Em discurso pronunciado no seu Jubileu Literário, Thomaz Pompeu evoca, em pinceladas realísticas, o ambiente da casa de seu pai, o Senador, onde reinava uma austeridade inflexível, quase de romance de Dickens:

> "A infância passou-se-me no encerro do lar, apertada e comprimida por uma educação severa e vigilante. Da existência exterior, da so-

ciedade em cujo meio ela se deslisava, quase nada conhecia. Para ida e volta da escola fui sempre acompanhado por pessoa de confiança de meus pais, de modo a não poder apertar os laços de intimidade que formam o encanto daqueles verdes anos".

Essa rigidez vitoriana seria o traço dominante da personalidade do Senador Pompeu e de que não abria mão nem no recesso de seu lar.

O PLANEJADOR DA INSTRUÇÃO PÚBLICA

A instrução pública, alvo de suas constantes reflexões, inspirou-lhe a elaboração de documentos de alta valia, como os estatutos do Liceu do Ceará e o regulamento que depois foi mandado observar como lei orgânica do ensino na Província.

A seus cuidados, a instrução tomou tal desenvolvimento e porte que chegou a competir com as mais adiantadas do País.

Infelizmente, todo esse trabalho útil e fundamental sofria interrupções danosas, com as idas e venidas dos presidentes, oriundos da Corte, que se sucediam no governo na Província; os mais deles, indiferentes à sorte da instrução, mas susceptíveis às críticas de Pompeu, com quem logo se agastavam, afastando-o dos postos técnicos que ocupava, com dignidade e competência. Postos tão importantes como o de diretor do Liceu do Ceará ou da Instrução Pública.

Em sua vida parlamentar, como deputado e senador, na tribuna ou nas comissões, a instrução lhe foi uma idéia absorvente e objeto de discursos e relatórios que são modelos no gênero.

O AUTOR

Freqüentemente citado por quem se dá a estudos cearenses, o Senador Pompeu é, na verdade, um autor dos menos lidos.

Quem o cita, não raro o faz de segunda mão. Motivo preponderante: — a inacessibilidade de sua bibliografia.

Seus livros são raridades, disputadas a peso de ouro.

Seu "Compêndio de Geografia", de que se tiraram cinco edições, foi objeto de elogios do Cardeal Wiseman, de Londres e outros sábios, sem embargo da observação de Pompeu Sobrinho de que, apesar de o ilustre geógrafo já conhecer as principais obras de Humboldt, os seus trabalhos são moldados, segundo o sistema universalmente adotado.

O seu forte, no entanto, era a estatística, para a qual se achava aparelhado por rigorosa formação técnica, sendo senhor dos mais modernos princípios dessa ciência.

O "Ensaio Estatístico da Província do Ceará", impresso no Maranhão — a primeira obra no seu gênero escrita no Brasil, segundo os métodos de Moreau de Jonnés e Adolphe Quitelet — foi trabalho só por si capaz de consolidar qualquer reputação literária.

Coube-lhe, ainda, escrever a história da epidemia da cólera na Província, indispensável a quem se aventura a escrever a história sanitária do Brasil, como o faria sentir o Dr. Pereira Rezende, autor de uma "Memória Histórica das epidemias de febre amarela e **cholera morbus**", que se valeu à larga do trabalho de Pompeu.

Na "Memória sobre a conservação das matas e a arboricultura como meios de melhorar o clima da Província do Ceará", o Senador já revelava, naqueles recuados tempos, as suas preocupações com conservacionismo e preservação ecológica.

Mas o livro que lhe daria renome internacional foi a "Memória sobre o clima e secas do Ceará" — o canto de cisne de nosso Autor e coroa de sua obra puramente científica — vindo à luz em 1877, quando a Província se contorcia sob o flagelo maior de sua história.

A observação mais lúcida dessa monografia e mais reveladora da imprevidência de nossos estadistas é a de que o Ceará sofre alternâncias de secas e inundações, fenômeno característico de todas as regiões sem florestas. Observa-se, ali, pelos quadros estatísticos montados, que se passaram 33 anos sem secas e que, nesse período ocorreram inundações que causaram enormes danos aos lavradores e aos criadores de gados.

Como se vê, o Ceará não é apenas a região seca que os seus ilustres romancistas, tocados pelas visões dantescas de 1877 e 1915, se empenharam em divulgar.

Eis porque o Ceará não perde por esperar o "cabeça-chata" desabusado e corajoso que, rompendo com a tradição da literatura das secas, meta ombros ao romance das cheias. Cheias que, em nossa Província, se agravam sobremodo, por força da extrema declividade do leito dos rios, dos falsos rios de nosso sistema potamográfico, que transforma qualquer riacho em torrente caudalosa.

Versando sobre as secas, Euclides da Cunha, deixou-se, em "Os Sertões", impressionar pelo que colheu nesse livro de nosso autor relativamente à chamada "teoria cíclica" do fenômeno metereológico, implacável determinismo que, felizmente para nós, tem seus contestadores entre os entendidos na matéria.

> "de fato", salienta Euclides, "os seus ciclos — porque o são no rigorismo técnico do termo — abrem-se e encerram-se com um ritmo tão notável que recordam o desdobramento de uma lei natural, ainda ignorada".
> "Revelou-o, pela primeira vez, o Senador Thomaz Pompeu, traçando um quadro por si mesmo bastante eloqüente, em que os aparecimentos das secas, nos séculos XVIII e XIX, se defrontam em paralelismo singular".

Implorando-vos, mais uma vez, perdão pelos desvios a que a riqueza do assunto, impele o vosso Conferencista, seja-nos lícito revelar-vos as circunstâncias penosas em que foi elaborado esse trabalho que encerraria, com a vida preciosa, a carreira literária de Pompeu.

No depoimento autorizado de seu filho, Thomaz Pompeu, o ancião que não contava 60 anos, edemaciado, quase cego e arfando sob as torturas da dispnéia, não largava da pena, no afã de concluir o último serviço que prestava ao Ceará, "antes que a indesejada das gentes chegasse".

De uma vez por todas, afastemos de nós o propósito de analisar livro por livro desse benemérito escritor, o que não caberia nos estreitos limites desta palestra.

Nosso intuito é, antes, atrair a vossa atenção para as preocupações que povoavam a mente desse cearense devotado, desse "cabeça-chata" incorrigível, preocupações que se refletem, por inteiro, em sua obra.

Obra marcadamente cearense.

É tempo pois, Senhoras e Senhores, que ouvis pacientemente esta desordenada exposição, é tempo de vosso Orador encerrar esta desafinada "louvação", que não o faz sem recorrer a sentenciosos pensamentos de quem os guardou em testamento cerrado, para serem revelados quando seus despojos já houvessem sido recolhidos ao silêncio da sepultura.

> "Em nome da Santíssima Trindade, Padre, Filho e Espírito Santo, em quem, eu, Thomaz Pompeu de Souza Brasil firmemente creio e em cuja fé protesto viver e morrer, ajudando-me Deus.
> "Este é o meu testamento e última vontade.
> Achando-me aos cinqüenta anos de idade, mas no gozo de minhas faculdades e de perfeita saúde corporal, resolvi dispor e declarar, pelo presente testamento, minha última vontade, sem constrangimento ou sugestão de pessoa alguma. Fui nomeado duas vezes diretor de Instrução Pública (. . .) fui eleito deputado provincial e geral. . . servi o cargo de vigário geral forâneo. . . fui eleito e escolhido Senador. . . Todos esses cargos desempenhei mal por defeito de minha inteligência, mas, perante Deus o digo, nunca abusei deles por vingança, ódio, paixão, interesse ou prevaricação de qualquer modo. Procurando sempre viver independente na sociedade que é a primeira condição do homem que se presa, e a cobro de qualquer precisão para não ser constrangido pela necessidade a algum ato menos coerente com meus princípios e sentimentos, procurei sempre ser econômico nos meus gastos, zeloso na guarda de minhas economias, pontualíssimo nos meus tratos. Desejo e' peço a meus filhos que façam o mesmo. Com este fim não poupei trabalho de minha inteligência, nem diligência lícita para ajuntar essa pequena fortuna, que fiz, a qual, graças a Deus, digo perante o Criador que me ouve, não podia ser mais licitamente adquirida.
>
> ". . . lembro a meus filhos que façam recolher os meus ossos em uma urna para terem presente a minha memória a fim de nela se inspirarem, não em virtudes que não tenho; mas nos sentimentos e prática de honradez, probidade particular e política e a este respeito peço a Deus que lhes dê tanto quanto me deu até hoje".

A 2 de setembro de 1877, soou para o Senador Thomaz Pompeu de Souza Brasil a sua última hora, que foi precisamente as dez e meia da manhã.

Seus olhos anuviados levariam a tristeza imensa que se evolava da terra-mãe calcinada pelo fenômeno periódico da seca — fogueira e holocausto de um povo sofrido e indestrutível, que é este amálgana de tipos étnicos bem adaptados ao ecúmeno nordestino — o "cabeça-chata" cearense.

Sua morte teria o condão de unir amigos e inimigos no louvor ao falecido. O Ceará como que parara, parando a sua inteligência maior.

Seus funerais tiveram uma consagração popular. O povo sentia que Pompeu, o aristocrata do talento, era um dos seus, pela simplicidade de seu viver, pela modéstia de sua casa e pela sua ogeriza a honrarias. Nenhuma condecoração lhe adornava o peito e os únicos diplomas que aceitou foram os que lhe conferiram as escolas e academias que cursou, as sociedades sábias do país e do estrangeiro, e esses que lhe deu o voto popular.

Homenagens fúnebres lhe foram prestadas por uma guarda de honra do 15o. Batalhão de Infantaria que, acreditamos, a sua bonomia de homem simples teria dispensado.

Seu desaparecimento foi lamentado pela imprensa daquém e dalém mar, quando se salientou a terrível coincidência da morte destes três outros gigantes que foram Adolphe Thiers, na França, Alexandre Herculano, em Portugal e José de Alencar, no Brasil.

As sociedades culturais e científicas tributaram-lhe as homenagens que a sua vida e a sua obra estavam a exigir.

Nas velhas páginas do "Cearense" reproduzem-se necrológios publicados em todos os jornais, sem distinção de coloração partidária.

No Ceará, ao que saibamos, duas homenagens lhe foram prestadas: a de um nome de Cidade e a denominação de uma Rua.

Fora disso, seu nome nada representa para as novas gerações,que não tiveram ainda oportunidade de avaliar o oceano de conhecimentos que se contém em sua obra. Seus livros, raridades bibliográficas, não se encontram

onde deveriam se encontrar: nas bibliotecas públicas. A maior homenagem que se lhe podia prestar, na comemoração do primeiro centenário de seu falecimento, não se prestou: a reedição de sua obra completa.

Sua urna funerária repousa no cemitério de São João Batista, no túmulo primeiro colocado à direita do portão de entrada e serve de encosto aos instrumentos com que os coveiros escavam e plantam esta terra querida de meus irmãos "cabeças-chatas", terra de Senador Pompeu, terra do Ceará!